

O DESENVOLVIMENTO DO REINO DE DEUS NA VIDA CRISTÃ E NA VIDA DA IGREJA

(Sexta-feira – Sessão da noite)

Mensagem Três

O reino e a igreja

Leitura bíblica: Mt 16:18-19; 18:15-22; Rm 14:17; Ap 1:6; Cl 1:12-13

I. A Bíblia apresenta primeiro o reino e, depois, a igreja; a presença do reino produz a igreja – Mt 4:23; 16:18-19:

- A. A vida de Deus é o reino de Deus; a vida divina é o reino, e essa vida produz a igreja – Jo 3:3, 5; Mt 7:14, 21; 19:17, 29; 25:46:
 - 1. O reino é a esfera de vida para a vida mover-se, reinar e governar a fim de que a vida cumpra o seu propósito, e essa esfera é o reino.
 - 2. O evangelho introduz a vida divina e essa vida tem sua esfera, que é o reino; a vida divina com a sua esfera produz a igreja – 2Tm 1:10.
 - 3. O evangelho do reino produz a igreja, porque o reino é a própria vida e a igreja é o resultado da vida – Mt 4:23; At 8:12.
- B. O reino é a realidade da igreja; portanto, separados da vida do reino, não podemos viver a vida da igreja – Mt 5:3; 16:18-19; Ap 1:4-6, 9:
 - 1. A realidade do reino dos céus (Mt 5–7) é o conteúdo da vida da igreja; sem a realidade do reino, a igreja é vazia.
 - 2. Uma vez que a vida do reino resulta na vida da igreja, ao vivermos coletivamente na vida do reino, espontaneamente vivemos a vida da igreja – Rm 14:17.
 - 3. Um crente que não vive na realidade do reino não pode ser edificado na estrutura da igreja – Ef 2:22.
- C. Sem o reino como a realidade da igreja, a igreja não pode ser edificada – Mt 16:18-19:
 - 1. A igreja é produzida por meio da autoridade do reino.
 - 2. As chaves do reino são dadas para tornar possível a edificação da igreja – Mt 16:19; 18:18; cf. Jo 20:23.
 - 3. Quando o reino dos céus é capaz de exercer sua autoridade sobre um grupo de crentes, esses crentes podem ser edificados na igreja – Cl 2:19; Ef 4:15-16.
- D. O propósito dos grupos vitais na vida da igreja é viver a vida do reino: a vida de homem-Deus; um grupo vital é uma verdadeira representação da igreja – Mt 18:15-22.

II. A igreja genuína é o reino de Deus nesta era; hoje, os crentes vivem a vida do reino na igreja – Mt 16:18-19; 18:17-18; 13:44-46; Rm 14:17; 1Co 4:20; Ef 2:19; Cl 4:11; Ap 1:4-6:

- A. Cada vez que o Senhor falou sobre a igreja, Ele a mencionou em relação ao reino; isso indica quão intimamente relacionados são o reino e a igreja – Mt 16:18-29; 18:17-28:
 - 1. Romanos 14:17 prova que a igreja nesta era é o reino de Deus.

2. *O reino de Deus* em 1 aos Coríntios 4:20 refere-se à vida da igreja (v. 17), implicando que quanto à autoridade, a igreja nesta era é o reino de Deus.
 3. A palavra *concidadãos* em Efésios 2:19 indica o reino de Deus, a esfera em que Deus exercita Sua autoridade.
- B. A palavra *reino* em Apocalipse 1:6 revela que onde está a igreja, ali está o reino de Deus; a igreja representa o reino.
 - C. Na igreja como o reino, estamos debaixo de governo, disciplina e exercício – 1Co 6:9-10; Gl 5:19-21; Ef 5:5.
 - D. Na restauração do Senhor, estamos ao mesmo tempo no reino e na igreja, no tesouro e na pérola – Mt 13:44-46.
 - E. Embora a igreja hoje seja o reino de Deus, estamos no reino em realidade somente quando vivemos, andamos e existimos no espírito, e não no nosso homem natural – Rm 8:4; Gl 5:16, 25.

III. O Pai nos libertou da autoridade das trevas e nos transferiu para o reino do Filho do Seu amor – Cl 1:12-13:

- A. O reino do Filho do amor de Deus inclui três eras: a era presente, na qual a igreja está; a era vindoura, na qual estará o reino milenar; e a era eterna com a Nova Jerusalém no novo céu e nova terra – Cl 1:13:
 1. A ênfase em Colossenses 1:13 é o reino do Filho do amor de Deus nesta era, que é a realidade da igreja.
 2. A vida da igreja hoje é o reino do Filho do amor do Pai, que é tão prazeroso para Deus Pai quanto o Filho de Deus o é – Cl 4:15-16.
- B. Temos de entender o significado intrínseco da igreja como o reino do Filho do amor de Deus – Cl 1:13:
 1. O Filho de Deus é a corporificação e a expressão da vida divina; portanto, o reino do Filho é uma esfera de vida – 1Jo 5:11-12; Jo 1:4.
 2. O reino para o qual fomos transferidos é o reino do Filho do amor do Pai; essa esfera de vida é em amor, não em temor – Cl 1:13.
 3. O reino no qual nos encontramos hoje é uma esfera cheia de vida, luz e amor – 1Pe 2:9.
 4. O Filho é a expressão do Pai como a origem da vida – Jo 1:18, 4; 1Jo 1:2:
 - a. O Filho do amor do Pai é objeto do amor do Pai para ser para nós a corporificação da vida no amor divino, com autoridade em ressurreição – Mt 3:17.
 - b. O Filho, como a corporificação da vida divina, é o objeto do amor do Pai – Mt 17:5:
 - 1) A vida divina corporificada no Filho é dada a nós no amor divino – 1Jo 5:11-12; Jo 3:16.
 - 2) O objeto do amor divino torna-se para nós a corporificação da vida no amor divino com a autoridade em ressurreição; esse é o reino do Filho do amor do Pai.
 5. Ser transferido para o reino do Filho do amor do Pai é ser transferido para o Filho, que é vida para nós – 1Jo 5:11-12:
 - a. O Filho em ressurreição é agora o Espírito que dá vida e Ele nos governa em Sua vida de ressurreição com amor – 1Pe 1:3; Rm 6:4-5; 1Co 15:45b.

- b. Quando vivemos pelo Filho como nossa vida em ressurreição, vivemos no Seu reino, desfrutando-O no amor do Pai; aqui temos a vida da igreja – Cl 3:4; Jo 6:57.
- c. Porque o Pai se agrada do Seu Filho, o reino do Filho do amor do Pai é algo prazeroso, uma questão de desfrute – Mt 3:17; 17:5.
- C. Na igreja como o reino do Filho do amor de Deus, temos a realidade e a praticabilidade do Corpo orgânico de Cristo – Cl 2:19.
- D. Na igreja como o reino do Filho do amor de Deus, temos a realidade e a praticabilidade do novo homem universal – Ef 2:15; 4:24; Cl 3:10-11:

Porções do ministério:

O REINO DO FILHO DO AMOR DE DEUS

Paulo nos diz que o Pai nos “libertou da autoridade das trevas e nos transferiu para o reino do Filho do Seu amor” (Cl 1:13). A autoridade das trevas denota a autoridade de Satanás. Deus é luz e Satanás é trevas. Deus nos libertou da autoridade de Satanás das trevas para a luz maravilhosa de Deus. As trevas são Satanás como morte, mas luz é Deus como vida. Ser libertado da autoridade das trevas é ser libertado do diabo, que tem o poder da morte (Hb 2:14; Jo 17:15). Fomos libertados do diabo, Satanás, pela morte de Cristo (Cl 2:14-15) e pela vida de Cristo em ressurreição (Jo 5:24).

Não somente fomos libertados da autoridade das trevas, mas também transferidos para o reino do Filho do amor de Deus. O reino do Filho é a autoridade de Cristo (Ap 11:15; 12:10).

Segundo o Novo Testamento, o Filho de Deus é a expressão da vida divina e a sua corporificação. Isso significa que o reino do Filho é uma esfera de vida. O fato do reino para o qual fomos transferidos ser o reino do Filho do amor de Deus indica que essa esfera de vida é em amor, não em temor. O reino no qual nos encontramos hoje é uma esfera cheia de vida, luz e amor.

O Filho do Pai é a expressão do Pai como a fonte da vida (Jo 1:18, 4; 1Jo 1:2). O Pai como a fonte da vida é expressado no Filho. O Filho do amor do Pai é o objeto do amor do Pai a fim de ser a corporificação da vida para nós no amor divino com autoridade em ressurreição. O Filho, como a corporificação da vida divina, é o objeto do amor do Pai. A vida divina corporificada no Filho é dada a nós no amor divino. Portanto, o objeto do amor divino torna-se para nós a corporificação da vida no amor divino com a autoridade em ressurreição. Esse é o reino do Filho do Seu amor.

Ser transferido ao reino do Filho do amor do Pai é ser transferido ao Filho que é vida para nós (1Jo 5:12). O Filho em ressurreição (1Pe 1:3; Rm 6:4-5) é agora o Espírito que dá vida (1Co 15:45b). Ele reina sobre nós em Sua vida de ressurreição com amor. Esse é o reino do Filho do amor do Pai. Quando vivemos pelo Filho como nossa vida em ressurreição, vivemos no Seu reino, desfrutando-O no amor do Pai.

Fomos transferidos a uma esfera onde somos governados em amor com vida. Aqui, sob o governo e restrição celestiais, temos liberdade genuína, a liberdade adequada em amor, com vida e sob a luz. É isso que significa ser libertado da autoridade das trevas e transferido para o reino do Filho do amor do Pai. Aqui, nesse reino, desfrutamos de Cristo e temos a vida da igreja.

Abrange a igreja na era presente, o milênio na era vindoura e o novo céu e nova terra na eternidade

O reino do Filho do amor de Deus abrange três eras: A era presente, na qual está a igreja;

a era vindoura, na qual estará o reino milenar; e a era eterna com a Nova Jerusalém no novo céu e nova terra. Esses três aspectos do reino são considerados por Paulo em Colossenses 1:13 como o reino do Filho do amor de Deus.

As palavras “o Filho de Deus” são um deleite para os ouvidos do Pai. Quando o Senhor Jesus foi batizado, o Pai declarou: “Este é o Meu Filho, o Amado, em quem Me comprazo” (Mt 3:17. Quando o Senhor foi transfigurado, o Pai fez a mesma declaração (Mt 17:5). Porque o Pai se deleita no Seu Filho, o reino do Filho do amor do Pai é algo deleitável, uma questão de deleite. É por esse motivo que abrange três seções: A seção da vida da igreja, a seção da parte celestial do reino dos céus no milênio, e o novo céu e nova terra com a Nova Jerusalém como a consumação da igreja e do reino. Em cada uma dessas três seções, o reino do Filho do amor de Deus é uma questão de deleite. O Pai, por Sua misericórdia e graça, nos transferiu da autoridade das trevas de Satanás para essa parte deleitável do reino.

A ênfase em Colossenses 1:13 é o reino do Filho do amor de Deus nesta era, que é a realidade da igreja

A ênfase em Colossenses 1:13 é o reino do Filho do amor de Deus nesta era, que é a realidade da igreja. A vida da igreja hoje é o reino do Filho do amor de Deus, que é um deleite para Deus Pai assim como o Filho de Deus o é. Todos nós, os crentes, fomos transferidos para esse reino deleitável do Filho do amor de Deus. Deus Pai ama a parte deleitável do reino, assim como Ele ama o Seu próprio Filho deleitável. Logo, a igreja, como a parte deleitável do reino divino, é considerada uma grande bênção para o povo redimido de Deus pelo apóstolo Paulo no livro de Colossenses, um livro que trata de Cristo como a porção todo-inclusiva do povo de Deus (Cl 1:12).

Todos os crentes foram transferidos para esse aspecto do reino

João 3:5 indica que é por meio da regeneração que todos os crentes foram transferidos para o reino do Filho do amor de Deus. Por meio da regeneração fomos comprados das trevas de Satanás para esse aspecto deleitável do reino. Deus amou o Filho, então, Ele deu essa parte do reino para Ele. Por meio da salvação e regeneração de Deus, todos os crentes do Seu Filho foram transferidos para essa seção do reino. (*The Conclusion of the New Testament*, pp. 2581-2584)

O PROPÓSITO DOS GRUPOS VITAIS

Sou grato ao Senhor por Ele ter restaurado esta comunhão sobre os grupos vitais. Esse assunto foi frustrado por Satanás por mais de dois anos. Neste capítulo, queremos ver o propósito dos grupos vitais em seu significado intrínseco. O propósito dos grupos vitais é viver dois tipos de vida: a vida do reino e a vida da igreja. Devemos nos arrepender e admitir que temos defeitos nesses dois tipos de vida. Embora estejamos na restauração há anos, não vimos que os grupos vitais são para vivermos a vida do reino e a vida da igreja.

A revelação do Novo Testamento se refere a essas duas vidas. O centro dos quatro Evangelhos é o reino. Mateus e João são os dois livros que tomam a iniciativa de tocar na verdade sobre o reino. O ponto principal de Mateus é o reino dos céus, e o ponto principal tratado por João é o reino de Deus. João, evidentemente, é um evangelho de vida, mas a vida nos introduz no reino de Deus. Somos regenerados para o reino de Deus. Se não nascermos de novo, não poderemos ver ou entrar no reino de Deus (Jo 3:3, 5). Nas epístolas, incluindo Atos, o centro é a vida da igreja. (...)

A base bíblica para nosso ensinamento sobre a prática das reuniões dos grupos vitais

está em Mateus 18:15-22 e 2 Timóteo 2:22. Mateus 18:15-22 nos ensina como ter pequenos grupos na vida do reino; e 2 Timóteo 2:22 nos ensina como ter uma vida da igreja em meio à degradação da igreja.

Viver a vida do reino

Precisamos ler e considerar seriamente as palavras do Senhor em Mateus 18:15-22, que revelam como podemos viver a vida do reino. Os versículos 15 a 17 dizem: “Além do mais, se teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma contigo mais uma ou duas pessoas, para que, pela boca de duas ou três testemunhas, toda questão seja decidida. E, se ele recusar ouvi-los, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, seja ele para ti como gentio e cobrador de impostos”. Se esse pecador não ouvir nem mesmo a igreja, que devemos fazer? O texto diz que devemos considerá-lo como gentio e cobrador de impostos, ou seja, como uma pessoa não salva, que está fora da comunhão da igreja.

O versículo 18, então, diz: “Em verdade vos digo: Tudo o que amarrardes na terra terá sido amarrado no céu, e tudo o que soltardes na terra terá sido solto no céu”. Precisamos ver a conexão entre os versículos 17 e 18. O versículo 17 fala de algo tão inferior, dizendo que devemos considerar aquele pecador que não ouve a igreja como gentio e cobrador de impostos. Mas o versículo 18 diz que devemos tocar o céu mediante a nossa oração que amarra e solta. Essa é a oração do grupo vital. O versículo 19 diz: “Em verdade ainda vos digo que, se dois dentre vós sobre a terra concordarem a respeito de qualquer coisa que pedirem, ser-lhe-á feita por Meu Pai que está nos céus”. Essa é a prática de um grupo vital, de dois ou três em harmonia tocarem o próprio Deus no céu. Esses são os dois ou três mencionados no versículo 16: “Se, porém, não te ouvir, toma contigo mais uma ou duas pessoas...”. Eles são membros de um grupo vital.

Se um irmão pecar contra nós, precisamos primeiro lidar com ele em amor. Se não obtivermos resultado, devemos levar conosco mais um ou dois para contatá-lo. Se ainda não obtivermos resultado, devemos dizê-lo à igreja, e se a igreja não tiver êxito, então, o irmão pecador perderá a comunhão da igreja. Mas isso não é tudo. Temos, então, de orar em harmonia para amarrar e soltar. Tudo que orarmos, nosso Pai que está no céu irá realizar para ganhar essa pessoa. O versículo 20 diz: “Pois onde estão dois ou três reunidos em Meu nome, ali estou no meio deles”. Essa é a realidade dos grupos vitais. Esses dois ou três se reúnem no nome do Senhor para o Seu propósito, não em seus próprios nomes para os seus próprios propósitos.

Muitas vezes sentimos que determinado santo é um caso perdido, e paramos com esse sentimento em favor dele em nossos grupos pequenos. Sempre terminamos nossa reunião de pequeno grupo no versículo 17. Não tomamos Cristo como a escada celestial do versículo 18 para subir até os céus com oração que amarra Satanás e liberta o irmão pecador. Nós e a igreja podemos não conseguir coisa alguma com esse irmão, mas deveríamos desistir dele? O Senhor Jesus disse que devemos considerá-lo gentio e cobrador de impostos. Mas o Senhor continuou a dizer que precisamos amarrar Satanás. Precisamos amarrar o que amarra e soltar o que está amarrado, orando juntos em harmonia.

Não devemos introduzir qualquer opinião que exponha a condição caída daquele por quem estamos orando. Precisamos amarrar o amarrador, Satanás, e precisamos soltar o pecador que foi amarrado por Satanás, mediante nossa oração em harmonia. Ter harmonia é como sons musicais harmoniosos. Quando um piano é tocado corretamente, suas teclas são tocadas de maneira a produzir uma música harmoniosa. Quando oramos em harmonia por determinados pecadores que se desviaram, nossa oração para que sejam restaurados se torna como música aos ouvidos do Pai que está no céu.

Depois que o Senhor falou essa palavra, Pedro foi até Ele para fazer-Lhe uma pergunta. Os versículos 21 e 22 dizem: “Então Pedro, aproximando-se, Lhe perguntou: Senhor, quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe hei de perdoar? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete”. Pode ser que um irmão tivesse pecado contra Pedro. Ele não queria perdoar novamente esse irmão, então perguntou ao Senhor: “Quantas vezes devo perdoá-lo? Sete vezes?” O Senhor disse que Pedro deveria perdoá-lo setenta vezes sete, ou quatrocentas e noventa vezes. Se tivermos um espírito para perdoar um pecador até quatrocentas e noventa vezes, certamente ele será restaurado. Será que nós que participamos dos grupos vitais temos tal espírito? (...)

Um grupo vital é uma representação verdadeira da igreja. A igreja deve aprender lidar com um pecador segundo o exemplo que Paulo deu. Paulo não teve paz quando esse pecador foi retirado; por isso ele ainda fez algo para cuidar da situação. O mais importante é cuidar com carinho e perdoar. Visitar é cuidar com carinho. Paulo enviou Tito para visitar Corinto a fim de cuidar carinhosamente dos coríntios. Então, Paulo lhes disse que perdoassem. O perdão deve acompanhar o cuidado carinhoso. Então podemos restaurar e ganhar as pessoas.

A vida do homem-Deus

A vida do reino é a vida do homem-Deus.

Como cuidar de um irmão pecador em um grupo vital

Em resumo, o que é citado em Mateus 18:15-22 nos revela como cuidar de um irmão pecador em um grupo vital. Você deve ir e repreendê-lo entre você e ele só. Se ele o ouvir, você ganhou seu irmão (v. 15). Se ele não o ouvir, leve com você mais um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda questão seja decidida (v. 16). Se ele recusar ouvi-los, diga à igreja (v. 17a). Se ele se recusar ouvir também a igreja, o grupo vital deve orar exercitando a autoridade da igreja, que é a autoridade do reino (Mt 18:17b-18; 16:18-19). Essa situação é tratada pelo grupo vital em harmonia com o Senhor que está no meio deles (vv. 19-20) com um espírito perdoador (vv. 21-22). Desse modo os grupos vitais vivem a vida do homem-Deus como Cristo viveu quando estava na terra. (*Os grupos vitais*, W. Lee, pp. 3-8)